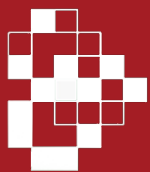


CONTOS DE AMOR SEM IDADE



SOPRO ONGD

amor não
tem idade



CONTOS DE AMOR SEM IDADE

Contos recolhidos entre os participantes
do projeto “Amor Não Tem Idade”.

Recolha dos Contos e Guião: Equipa SOPRO
Formatação e Design: Equipa SOPRO
Desenhos: Clube de Voluntariado Juvenil SOPRO
Barcelos, 2023

Publicação Promovida pela Associação SOPRO
com o Apoio do BPI - Fundação La Caixa.

SOPRO – Solidariedade e Promoção.
Travessa de Santo António 236 - Barcelinhos
4755-054 Barcelos,
PORTUGAL

Organização Não Governamental
para o Desenvolvimento (ONGD)
Estatuto de Utilidade Pública
Entidade Sem Fins Lucrativos
geral@sopro.org.pt



Prefácio

O projeto AMOR NÃO TEM IDADE, vencedor do 9.º Prémio BPI Fundação “la Caixa” Seniores, edição de 2021, surgiu da vontade da SOPRO – Solidariedade e Promoção em contribuir ativa e positivamente para o combate à solidão e ao isolamento social da população sénior do concelho de Barcelos. Através de práticas intergeracionais que aliam o voluntariado jovem à resposta das necessidades dos seniores, o Amor Não Tem Idade contribuiu para o envelhecimento ativo dos participantes, através das Visitas Semanais “Olha Quem Chegou” e das Oficinas Interativas desenvolvidas com o grupo de seniores acompanhados.

O presente Livro de Contos tem como finalidade retratar as histórias e vivências dos(as) idosos(as) integrados(as) no projeto, percorrendo a sua infância, construção familiar e costumes perpetuados no tempo. Este produto resulta de uma cooperação conjunta entre voluntários(as) e beneficiários(as), em busca do recordar de memórias felizes e partilha de saberes perdidos no tempo. Desta forma, queremos agradecer ao BPI Fundação “la Caixa” Seniores por ter acreditado neste projeto desde o seu início.

Um bem-haja à Junta de Freguesia de Barcelinhos, parceira da SOPRO, que possibilitou a concretização desta ideia, permitindo a divulgação destas histórias. Agradecemos à Câmara Municipal de Barcelos por todo o apoio prestado ao longo da realização desta iniciativa. Um agradecimento muito especial a todos os beneficiários deste projeto que, com as suas histórias, enriqueceram a vida dos nossos voluntários. A todos os voluntários e técnicos, o nosso agradecimento, pois a ação no terreno é feita por pessoas como vós.

De referir que as ilustrações presentes contaram com a participação dos alunos do Colégio La Salle de Barcelos que fazem parte do Clube de Voluntariado SOPRO Juvenil, cuja criatividade enriqueceu todo o trabalho desenvolvido.

Esperamos que este livro possa ser usado como um instrumento de aproximação entre gerações que permitirá às crianças e jovens de hoje compreender a visão do mundo dos mais velhos e experientes. São contos cheios de amor e sem idade!

Equipa SOPRO



OS AVÓS DA SOPRO

Finalmente chegou o dia! Era uma quarta-feira à tarde quando eu, a Mafalda, o Tiago e a Leonor nos juntamos na Biblioteca para nos encontrarmos com umas pessoas muito especiais.

A Dona Laura, a rececionista, recebeu-nos com um sorriso ao cruzarmos as grandes portas da entrada. – “Sejam bem vindos! Sigam-me”. – disse ela sem deixar de mostrar que estava muito contente por nos ver.

Andamos pelos corredores até chegarmos a uma sala pintada de vermelho. Estava quentinha, e para onde quer que olhássemos víamos estantes cheias de livros. Ao fundo

estava um tapete colorido com nove cadeiras verdes. – “Sentem-se por favor! Os outros convidados estão quase a chegar” - disse a Dona Laura.

Sentamo-nos na expectativa de os ver entrar a qualquer momento. Foi então que ouvimos a bater à porta: Toc! Toc! Olhamos uns para os outros e a Leonor, que é sempre a mais atrevida, respondeu: - “Podem entrar” – rimos todos baixinho, pois mais ninguém sabia o que dizer.

A porta abriu-se e apareceram uns avós sorridentes que ficaram muito felizes por ver que já estávamos na sala. Deram-nos beijinhos e sentaram-se connosco.

Mais uma vez a Leonor falou: “Contem-nos histórias da vossa vida Avozinhas...” Ficamos todos expectantes por saber quem iria responder primeiro. Mas a Avó Cândida começou a contar...

O NATAL DA AVÓ CÂNDIDA

Tive uma infância muito feliz e bonita. Eu era a mais nova de cinco irmãos, quatro raparigas e um rapaz, de quem gostava muito. Brincávamos no meio do campo às escondidas e muitas vezes chegávamos tarde a casa por não dar pelas horas a passar.

Como era um tempo difícil, as crianças também ajudavam a trabalhar no campo e comecei a ganhar algumas moedinhas quando tinha treze anos. Íamos para muitos sítios trabalhar, se alguém precisava de nós chamava... e nós íamos.

Ganhávamos quatro escudos, mas a mim, por ser a mais pequenina, só me davam três. Eu sentia que era uma injustiça, pois trabalhava como as outras raparigas. Uma vez disse que não ia mais trabalhar para lá porque recebia menos que as outras. Trabalhávamos até à noite. Às vezes, eu e mais duas irmãs, íamos de madrugada cortar campos de centeio à foicinha. Trabalhávamos muito. Trabalhei a minha vida toda para os outros, graças a Deus, primeiro para os meus pais, depois casei e comecei a trabalhar

para os filhos.

Consegui estudar até ao terceiro ano, por isso, sei ler e escrever. A escola ficava numa aldeia vizinha, e para lá chegar era preciso andar uma hora a pé. Quando chovia, colocávamos um saco na cabeça, pois não havia guarda-chuvas.

No terceiro ano, a minha professora, que era muito minha amiga, queria que eu fizesse o quarto ano, e que continuasse com os meus estudos. No entanto éramos muito pobres, e percebi que devia ajudar a minha família a trabalhar para ganhar dinheiro. A escola para mim acabou nesse ano.

Quando penso nas recordações mais bonitas da minha infância, lembro-me do Natal.

Nessa altura, o Natal era passado com toda a família em casa, e éramos muitos. Quanto aos doces, não havia muitos como agora, só havia mexidos e, às vezes, a minha mãe fazia sopas secas. Comíamos batatas cozidas com bacalhau. No fim do jantar ninguém levantava a mesa,

pois dizia-se que os anjinhos vinham à noite deliciar-se com o que deixávamos.

Agora em casa, já ninguém se lembra dos anjinhos: arruma-se tudo e até a toalha é mudada para que se jogue às cartas e se tome café.



Uma das meninas do nosso grupo fez este desenho em casa.

Nós, as crianças daquele tempo, quando acabávamos de comer escorregávamos para debaixo da mesa para brincar escondidos dos adultos. Depois, no fim da ceia, lembro-me de irmos para o meio do monte ver o fogo de artifício ao longe. Era tão bonito! O fogo explodia no ar em muitas cores e nós aplaudíamos contentes.

Festejava-se o Natal, o Ano Novo e os Reis e havia música nas igrejas durante todo o dia. Que saudades que eu tenho daqueles anos.

A Avó Cândida acabou a sua história e ficamos tão espantados por saber que desde pequenina já trabalhava, e que não conseguiu acabar a escola. A Avó Rosa disse-nos que era assim que acontecia para quase todos os meninos, ela também teve uma vida muito parecida à da Avó Cândida. Então começou a contar...

A VIDA DE AVÓ ROSA

Também para mim aquele era um tempo de uma vida simples e dura, mas também cheia de alegria e amizades. Era uma época em que as pessoas se ajudavam e se apoiavam umas às outras.

Cresci numa aldeia pequena, onde poucas crianças iam à escola. Na altura, quando era menina gostava muito de ir aprender, mas os invernos eram muito difíceis. Os caminhos eram longos, e a chuva não ajudava pois enchia tudo de lama. Recordo de levar um saco de linhagem, para colocar sobre a cabeça e me proteger da chuva, visto que,

naquele tempo não havia guarda-chuvas, nem nada que se parecesse.

Como a maior parte das pessoas naquela altura, comecei a trabalhar muito cedo. Ajudava a cuidar do gado ou por vezes ia para as casas dos Senhores mais ricos, servir às mesas. O que mais gostava era de ir para a natureza, visitar os animaizinhos e poder andar pelos campos fora, onde trabalhava, cantava e falava com as outras pessoas. Era uma época bonita, onde todos se conheciam e viam-se muitas pessoas nas ruas.

Também me lembro das romarias, onde ia com amigos e conhecidos em autocarros cheios de gente. Divertiamonos muito. Agora, numa idade mais avançada, gosto muito de ir aos concertos de concertinas ao domingo à tarde na nossa cidade.

Quando a avó Rosa parou de falar fiquei com muita vontade de também brincar à vontade pelos campos e falar sem medo com todas as pessoas que encontrasse. Parecia tão divertido. Acho que os avós começaram a trabalhar cedo, mas também se divertiam muito. O Avô João decidiu continuar as histórias de antigamente...

A INFÂNCIA DO AVÔ JOÃO

Era uma época difícil para mim, um menino que cresceu numa altura em que se passava muita fome. Quando cresci e me pude fazer à vida, fui para muito longe da minha casa e da minha família. Tive que me despedir dos meus pais e irmãos para trabalhar, como criado, tinha apenas Catorze anos.

Tinha lá uma vaca e o meu trabalho era levar a vaca para o campo, cortar erva e depois levar tudo para a casa. Mesmo no trabalho, passava fome, comia sozinho num corredor, os Senhores da casa comiam tudo de bom eu ficava

com os restos. Felizmente, nesta história havia pessoas com um bom coração, os filhos dos Senhores da casa eram boas pessoas, e às vezes levavam-me para a adega, onde me deliciava com presunto e broa. Um deles até me chegou a levar consigo numa viagem para que eu pudesse matar saudades da minha família.

Anos mais tarde, achei que já não queria trabalhar como criado e acabei por tentar a minha sorte e ir trabalhar para um negociante de gado no Porto, porém esta aventura pouco tempo durou.

De seguida, regressei à minha terra e fui trabalhar para um lavrador conhecido da minha família, onde pela primeira vez eu e os outros criados comíamos todos juntos na mesma mesa, juntamente com os patrões, sendo tratados com o respeito devido. O patrão era um homem generoso e deixava-nos levar toda a carne que precisássemos para as nossas famílias. Nunca encontrara outra casa como aquela.

Aos 20 anos aparecerem-me soldados à porta da minha casa, bateram à porta e disseram que queriam falar comi-

go. Pensei que tinha feito alguma coisa mal e que me levavam para a prisão. Afinal só tinha que ir à inspeção militar. Não sabia que pensar, agora ia ser soldado. Lá fui com um pequeno saco, despedi-me mais uma vez dos meus pais e irmãos. Colocaram-me num quartel em Tomar, depois em Abrantes, e por fim em Mafra. Era um soldado, bem considerado pela sociedade, já um homem. Foram anos difíceis, naquele pelotão eram cinquenta soldados. Passávamos os dias em treinos de força física, a disparar as armas no campo de tiro, entre outras coisas. Por fim fui chamado para uma das minhas maiores aventuras: disseram-me que ia para África, em missão para Angola.

Quando o Avô João disse que tinha ido para Angola fiquei cheio de vontade de saber que aventuras ele passou por lá. Teria ido de barco até lá? Encontrou elefantes e tigres? Mas de repente a Avó Teresa interrompeu, pois também queria contar a sua história e estávamos a ficar sem tempo.

O FILHO DA AVÓ TERESA

Sempre fui uma mãe muito dedicada e amorosa. Durante toda a minha vida lutei para dar uma vida bonita ao meu filho. Desde o momento em que ele nasceu, aparentemente saudável, dediquei-me a criá-lo da melhor forma possível.

Porém, passado algum tempo, descobriram que o meu filho tinha uma deficiência na coluna, fiquei muito assustada quando vi o médico a colocar uns coletes grandes e assustadores no meu rapaz. Disse-me que era para endireitar a coluna vertebral. Mas nunca perdi a esperança e

continuei sempre a dar-lhe o meu amor, o meu carinho e o meu conforto.

Quando o meu filho completou dezoito anos, acabou por ser operado às costas. Felizmente, tudo correu bem, e com a operação, ele foi finalmente capaz de se livrar dos coletes, começando aos poucos a recuperar. Além disto, e sempre apoiado por mim, começou também a frequentar uma escola de arte, onde aprendeu a pintar e desenhar.



Mais um desenho que fizemos, desta vez para a história da Avó Teresa.

Um dos momentos mais felizes eram as romarias de antigamente, onde todos iam juntos a Fátima, a São Bento e a outros lugares. Era bonito de se ver, um amontoado de gente, levavam comida para todos, e só voltavam para casa à noite. Era festa todo o dia. O meu filho passava a semana seguinte a contar as aventuras que teve durante a viagem.

Ouvimos esta história com muita atenção, ficamos muito aliviados quando soubemos que o filho da Avó Teresa tinha ficado bem depois da operação. Os meus amigos estavam todos a fazer perguntas aos avozinhos que respondiam o melhor que podiam. Eu fiquei calada porque sempre fui muito tímida, mas fixava todas as respostas dentro de mim pois estava muito interessada em saber mais. Foi então que ouvimos a história da Avó Maria, talvez a mais triste e ao mesmo tempo a mais corajosa.

AS DIFICULDADES DA AVÓ MARIA

Ao lado de um famoso restaurante da cidade, o meu pai tinha uma pequena casa de pasto, muito afamada, pois a minha mãe, uma bela senhora, muito fresca e airosa, cozinheira distinta, atraía a clientela com os seus belos petiscos.

Ainda era criança quando frequentava o colégio das freiras, como era conhecido na zona. As mesas e as cadei-

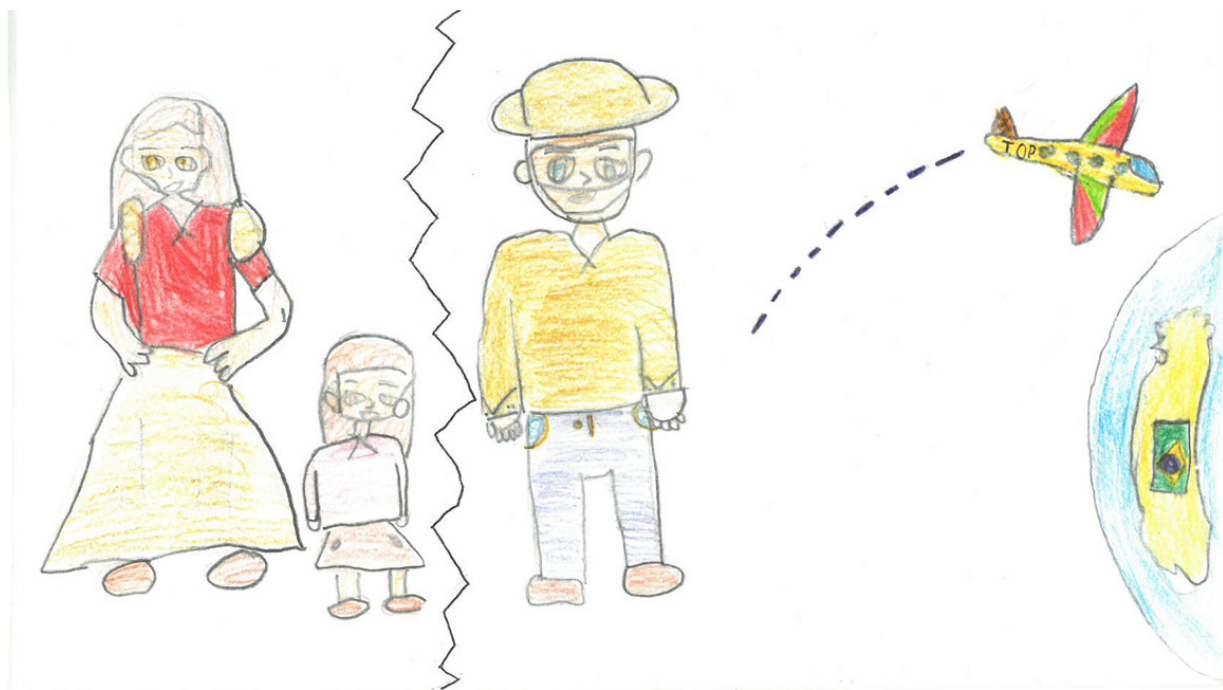
ras eram muito pequeninas e os meninos e as meninas aprendiam em salas separadas. Era assim naquele tempo!

Uma criada levava-me pela manhã ao colégio, e à tarde, ia novamente buscar-me. Até o lanche a criada levava à escola. Vida folgada para a época... um princípio de vida que não poderia ser melhor!

No entanto, a felicidade na casa foi esmorecendo pois os meus pais começaram a não se dar bem. Reparei que o comportamento dos dois ficou diferente. Tanto o meu pai como a minha mãe não pareciam felizes.

Passado não muito tempo, o meu pai decidiu tomar uma decisão que veio modificar para sempre a sua vida: juntou dinheiro, roupa, fez a mala e viajou para o Brasil. Ficámos todos sem nada, com as mãos a abanar. Por sorte, e devido ao seu bom coração, uma amiga da minha mãe deitou-nos as mãos, amparando-nos. Mas nunca passámos fome, porque a minha mãe trazia sempre qualquer coisa do restaurante. Era sem dúvida uma mulher lutadora, que trabalhou até ao fim!

Cresci e tornei-me mulher e quando me casei com um rapaz de quem gostava, começamos a construir uma casa. Como pura mulher do Norte, sacrifiquei-me bastante para poder ter o nosso teto, o nosso cantinho. Trabalhei muitos anos numa fábrica de papel, junto ao rio, a fazer cartão. Era um trabalho fascinante, já naquela altura havia máquinas gigantescas que transformavam o papel velho numa massa, que juntamente com água daria origem ao cartão novo. Até aos domingos se fazia o trabalho que a labuta da semana não permitia acabar.



Também desenhámos a família da Avó Maria, quando ela era criança.

Quem diria que uma vida tão rica e farta na infância se transformaria numa vida dura de trabalho árduo para sobreviver. Fiquei feliz por saber que Avó Maria acabou por ficar bem, com a sua família.

De repente a Dona Laura entrou na sala e perguntou se estava tudo a correr bem. Dissemos que sim e que queríamos mais histórias. – “Infelizmente” - disse a Dona Laura, - “o tempo acabou, os vossos pais já chegaram e estão na receção à vossa espera”. - Ohhhh!!! exclamamos nós com tristeza. – “Vamos marcar outro encontro!” – propôs a Avó Rosa. Ficamos todos entusiasmados por ouvir isso.

Despedimo-nos e os Avós deram-nos muitos beijinhos e abraços e prometeram trazer mais aventuras para contar.

Nessa mesma noite contei todas estas histórias aos meus pais e adormeci a pensar nos dias de antigamente.



amor não
tem idade

Promovido por



Com o apoio



amor não
tem idade

